

# MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15\$000. — SEMESTRE, 8\$000. — TRIMESTRE, 5\$000. — AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigencia, no escriptorio desta folha, rua da Assembléa n. 34 e Canc 169.

ANNO I

DOMINGO 18 DE OUTUBRO DE 1863

N. 1

## BAPTISMO POPULAR.



A empresa em pessoa tem a honra de apresentar ao respeitavel publico, o pequeno MERRIMAC, seu filho predilecto, e pede para elle a protecção que os homens costumão conceder sempre ás crianças que ainda mamão.



## MERRIMAC.

Embora muita cousa e mesmo muita gente exista sem se saber porque nem para que, não convem, nem queremos nós que se ignore o que é, nem qual o fim deste papelucho intitulado *Merrimac*.

O que é, quem fôr atilado facilmente perceberá; é uma folha de papel marca A, de 87000 a resma, dobrada em quatro, impressa de um lado, lythographada d'outro, cheia de bonecos, de teteias etc.

Qual o seu fim, será necessario explicar; mas para isso, muita attenção:

Querido leitor,

Olhemos bem de perto para as cousas da nossa terra, tende a coragem de seguir-nos, e se a vossa consciencia está tranquilla, se o vosso espirito sabe unir duas proposições para dellas extrahir uma terceira, infallivelmente concordareis connosco que o mundo está perdido, que os tempos vão bicudos. Sim, bicudos neste seculo de gaz e kerosene, de gaiolas de arame e de pho phoros em profusão.

Hoje, ninguém se contenta com a vida material, pautada e feliz das primeiras épocas, quando um homem era só a mandar sobre os outros, quando em vez de confissões e padre-nossos, se adorava o sol ao nascer, e em dias de calor se andava a frescata.

A palavra sancta revelada aos sanctuarios da India, de Babilonia, de Memphis e de Jerusalem anda ahí a troco de dez-reis pela boca do mais baixo poviléo.

A gléba quer saber o que é, porque é, o que é, e o que será um dia.

Todos fallão em *consciencia* e no *reinado da razão*.

A idéa do *justo* e do *injusto* começa a divulgar-se em demasia.

O sapateiro e o aguadeiro atrevem-se a murmurar sobre o modo de vida que leva o sancto homem que lhes diz a missa ao domingo, e lhes baptisa os pecurruchos de vez em quando, querendo descortinar os mysterios da Religião.

O carnicheiro e o carroceiro ousão fazer commentarios a respeito dos actos do governo, das opiniões politicas dos nossos maiores estadistas, do systema representativo, da organização das duas camaras, da formação das leis, da capacidade e honradez de cada deputado, do melhor e mais seguro meio de votação etc.

Não se falla senão em *soberania nacional*, em liberdade, em igualdade.

Ja se vio!

O pobre quer ser rico, e andar em bons carros.

O plebeo quer ser nobre, e trazer farda bordada.

Os meninos nos collegios, não querem apanhar bolos.

As mulheres querem emancipar-se e sahír sós á rua.

E as crianças não são mais crianças!

Só porque se disse um dia, para engodar os papalvos, que os homens erão todos iguaes perante a lei; os pequenos querem ter as regalias dos grandes, os nescios querem hombrar connosco, connosco que estudámos para comprehender a vida e que a sabemos levar. — Ora essa!

E' que o povo é tambem como os individuos, susceptivel de molestias intellectuaes, de monomanias, que ás vezes durão nelie muito tempo e nesse caso, por fim de contas, o perdem deitando-nos de pernas para o ar, a nós a nata da sociedade!

Nada, é preciso pôr um paradeiro a isto tudo. Compreheideis agora o fim do *Merrimac*?

E vós todos a quem o vulgo ousa chamar, por inveja e ambição, fósseis, hippopotamos, hermitões, carólas, despotas, tartufos, carcassas, tartarugas etc., contai connosco, somos amigos da rotina, do *statum quo*. — Uni-vos a nós e havemos de acabar com as murmurações, havemos de levar a plebe a virga-ferrea, e havemos de engordar nas sinecuras, passando uma vida regalada e longa, tão longa como foi outr'ora a de Mathusalem.

Parece-me que dizeis: « Desconfio deste sujeito que começa com tanta zumbaia; demais, elle é moço, hade por força gostar das reformas, das innovações, das idéas de associação, enfim, de tudo isso que por ahí se intitula progresso. »

Qual! que nos importa? São palavras ócas e sem sentido. Pensaes que fazemos o menor caso de Morelli, Saint-Simon,

Fourier, Bazard, Enfantin, Regnaud, Chevallier, Considerant e Pelletan, dessa récu de socialistas, utopistas e doidos varridos?! Nada, não. Os nossos conhecimentos modernos não valem meia pitada do saber antigo. Queremos ir com os entes ante-diluvianos; neste ponto somos chinezes.

Pois vós, sustentáculos dos reis, dignos representantes de uma igreja infallivel, julgaveis que iamós apontar os erros de alguns, as correrias nocturnas de outros em aventuras de amor, as exigencias pecuniarias para enterrar os mortos, casar os vivos, e acompanhar procissões, tudo com o unico fim de vos desacreditar e de abalar a fé?... Abrenuncio!

E vós, homens da politica, dos altos empregos e cargos, tambem julgaveis que iamós dizer ás massas que muitas vezes a vaidade vos domina e a ambição vos cega; dizer-lhes que a sociedade é ainda hoje a reunião de muitos com direitos differentes, quando devia ser a reunião de muitos com direitos iguaes; que a sciencia politica é a sciencia da organização social e da direcção da sociedade para um fim; que os deveres politicos tem por base a moral; que a formação do governo tem por base a soberania do povo, e que para isso é preciso que esse mesmo povo tenha pleno conhecimento do que faz quando vai votar naquelles que institue seos representantes e que devem fazer as leis que o regem? — Deos nos livre de tal!

E vós homens da justiça; iamós lá dizer que a vossa balança pende as mais das vezes para o lado da concha onde tine o ouro?

E vós medicos afamados; pensaveis que havia-mos de espalhar que nem sempre vos levantaes da cama para ver um pobre moribundo, que muitos de vós nurca forão a Europa embora annunciem, *de volta da minha ultima viagem*, e que se por acaso dáes ás vezes remedios que curão, dáes muitas vezes por birra em questões de conferencias remedios que matão?!

E vós negociantes, não vê que ia-mos propagar que para poupar nos direitos da Alfandega mandaes fazer etiquetas falsas, de cinco ou seis jardas menos em cada peça de panno; medis as vossas fazendas com varas de quatro palmos; misturaes o vosso vinho com agua, páu campeche e aguardente!

Nós iamós dizer mal dos empregados publicos que dormem nas repartições e daquelles que deixão os chapéos com o moleque das empadas para poderem dar o seu passeiosinho pela rua do Ouvidor nas horas do expediente?

Dizer mal das actrizes, dansarinas e cantoras que fazem do palco um balcão de amostra? Nós, não, que gostamos muito dessa gente.

Dizer cousa que desagrade dos mestres de escholas publicas que por dá-cá-aquella-palha dão sueto aos seus discipulos?

Murmurar a respeito das *hetairas* que enchem as nossas ruas com os seus monstruosos balões de sêda, ostentando ao sól magnificos brilhantes e sentando-se com impafia nos camarotes dos theatros e nas igrejas junto ás mais castas virtudes? Nós dizer mal dessas lindas sereias, verdadeiros cadi-nhos onde se fundem todas as especies de metaes, que arruinão as algibeiras dos moços e a saude dos velhos, quando são protegidas pela lei e pelos costumes inveterados!?

Fallar contra aquelles habeis guarda-livros que annos antes preparão a escripturação para a quebra dos annos?!

Gritar com os donos de hoteis que vendem gato por lebre?!

Longe de nós tal pensamento; era inimizar-nos com metade do universo, e que metade! — era querer esgrimir contra os pontentados da terra, com a fina flôr da sociedade; nada, nada, com essa gente de espirito e de gosto queremos nós andar; somos seus alliados por instincto e convicção!

E depois, podia acontecer-nos como com a funda de David, que com a pedra derrubou o gigante e ao proprio David com o estalo!

Pois não, lá se perdia o *Merrimac*! Tão tolos não eramos nós.

A' sociedade divide-se em duas classes, no dizer do Gavarini: « *Les honnêtes gens et puis les autres.* » — Com uma é que queremos relações, com essa é que contamos, porque com a outra que se compõe de pobres de espirito, se delles é o reino do céo, delles não é decididamente o reino da terra!

Queirão todos comprehender-nos, e *honni soit qui mal y pense*!



## Migalhas.

**DILUVIO E NAUFRAGIO.**—Por méra curiosidade perguntavamos, ha dias, a um amigo que anda muito enfronhado em negocios de theatro:

— Que fim levou a nova empreza do Athenêo-dramatico, vejo agora nos jornaes, direcção do Sr. Florindo?

— Que queres?...onde ha diluvio o naufragio é evidente. Começou pelo *diluvio universal* e acabou com o *naufragio de Camões*.

\* \*

**UM CONSELHO DE MÃI.**—Estavão ante-hontem a noite sentadas juntas nas cadeiras do Alcazar, uma velha e uma moça bastante sympathica; a direita da moça via-se um velho gaitreiro a render-lhe finezas, e a esquerda do velho um italiano. Percebendo a velha a maneira pouco agradável com que a rapariga recebia os galanteios do seu companheiro, disse-lhe:

— Minha filha, olha que a virtude ninguém a compra, e o vicio vende-se.

— *Bene fate provisione*, observou o italiano.

Ao que a velha replicou:

— Eu não heide endireitar o mundo, meu senhor.

\* \*

**A PROPOSITO DO ALCAZAR.**—UMA NOVIDADE.—Chegou de França pelo ultimo paquete, um individuo, pessoa de muita consideração, primo e irmão bastardo do director dos *Funambulos* de Paris, que nos assegura ser verdade tudo quanto se tem dito aqui nos annuncios extraordinarios a respeito da Risette.

Era e foi sempre lá uma grande celebridade. E se teve de emigrar para esta côrte, se teve de abandonar a capital do mundo civilisado por uma cidade como a nossa, foi por intrigas, por inveja das actrizes da *Opera*, do *Odeon*, do *Vaudeville*, da *Porte-Saint-Martin*, do *Gymnasio*, do *Palais Royal*, do *De'asements comiques*, do *Ambigu*, do *theatro Dejazel*, emfim de todos os *alcaçares*, *el-dorados* e *cafés-concertos*.

Quem quizer ver documentos authenticos a respeito do que acabamos de dizer, dirija-se á antiga rua do Piolho, casa do macaco na varanda e para cá do *bate-se na porta*.

\* \*

**UMA PERGUNTA INNOCENTE.**—Um estudante do collegio *Pedro II*, quasi bacharel, lendo um dia um cartaz da companhia Thierry, que trabalhou no Lyrico, fez ao pai a seguinte pergunta:

— Papai, o meu mestre de phisica diz que o corpo só pôde ser sólido, liquido ou gazoso...e o *corpo de baile*?

\* \*

**CLASSISMO.**—Um negociante bastante conhecido nesta praça pelo seu tino, tendo mandado vender para Minas um animal de sella de que já não precisava, fez no seu borrador este apontamento.

« Dinheiro recebido de um burro!... »

\* \*

**UM ANNUNCIO:**—Lê-se no *Jornal do Commercio* de sabbado, o seguinte;

« Precisa-se para uma senhora casada cujo marido se ausenta frequentemente... »

Não tivemos tempo de acabar.

\* \*

**VAPORES DE BACCHO:**—A scena passa-se em São Domingos, rua do Ingá.

Muita pessoas estão entretidas a conversar, na sala de visitas da casa de um ex-inspector de quarteirão, quando são bruscamente interrompido por estes gritos.

— Ai! que eu morro... ai! que eu morro...

O que será, o que não será?... »

— E' alguma a quem tentarão assassinar diz uma senhora de idade, morrendo de susto.

— Assassinos! — ladrões! — exclamão as outras senhoras palli-las de terror e indo esconder-se por debaixo dos trastes.

Os homens, os valentes, correm todos para o meio da rua, inclusive o inspector que leva a sua fita traçada no peito

Continuão os queixumes, cada vez mais fracos.

— Trágão uma luz, creio que allí está estendido no chão, junto daquelle cerca, o corpo de um homem.

A noite está escura, não se vê bem.

Aproximão-se todos.

E n'isto ouvem então distinctamente da bocca do individuo que estava deitado na relva:

— Ai! que eu morro... mas é de paixão!

Disserão depois que estava embriagado.

## SCENAS SOCIAES.

APONTAMENTOS ESTHETICOS PLASTICOS, LYRICOS ARTISTICOS, CUBICOS HYBRIDOS, ETC.

Pretensões a Revista.

No progresso da moderna litteratura o folhetim e a chronica são filhas legítimas do jornal e da critica.

A falta de um predicação tão essencial faria sem duvida perder a boa acceitação que o *Merrimac* espera do publico.

Tal porém não lhe succederá; o *Merrimac* terá a sua chronica.

Se é já difficil tarefa o escrever uma chronica sobre motivos que a seriedade do presente seculo demanda, mais espinhosa ainda será ella isto é, se tem resolvido observar a sociedade pelo seu verdadeiro lado, dizer a verdade e tudo quanto com ella tem relação.

Então as difficuldades triplicão-se, difficuldades moraes e materiaes.

Porém na senda do jornalismo actual, é seguir a rotina do atilado *Paturat*, pôr de parte as considerações e seguir em linha recta o caminho que conduz ao perfeito estado das cousas e das pessoas.

A illustre patria dos fluminenses, elevada á cathegoria de primeira cidade, tem jus a ser analysada no continuo desempenho das suas scenas politicas, sociaes, familiares, scientificas, litterarias, e etc.

E' este o fim que tem a seguir o chronista do *Merrimac*, tendo sempre em consideração os preceitos que a moral impõe ao escriptor publico: ser cortez e moderado.

Lá por isso respondemos nós.

Quando tivermos de attacar o lado vulneravel do individuo, falo-hemos com ternura e com cuidado.

Torna-se necessario descobrir e fazer conhecidas todas as notabilidades politicas, lyricas, litterarias, musicaes, bachanaes, fraudulentas, etc., que de todas as partes do mundo tem ultimamente aqui affluído.

Patentear igualmente os melhoramentos do palco, do bo-tequim, do bordel e de todas quantas associações concorrem para o bem estar da civilisação actual.

Deste modo teremos prestado um relevante serviço á presente geração:

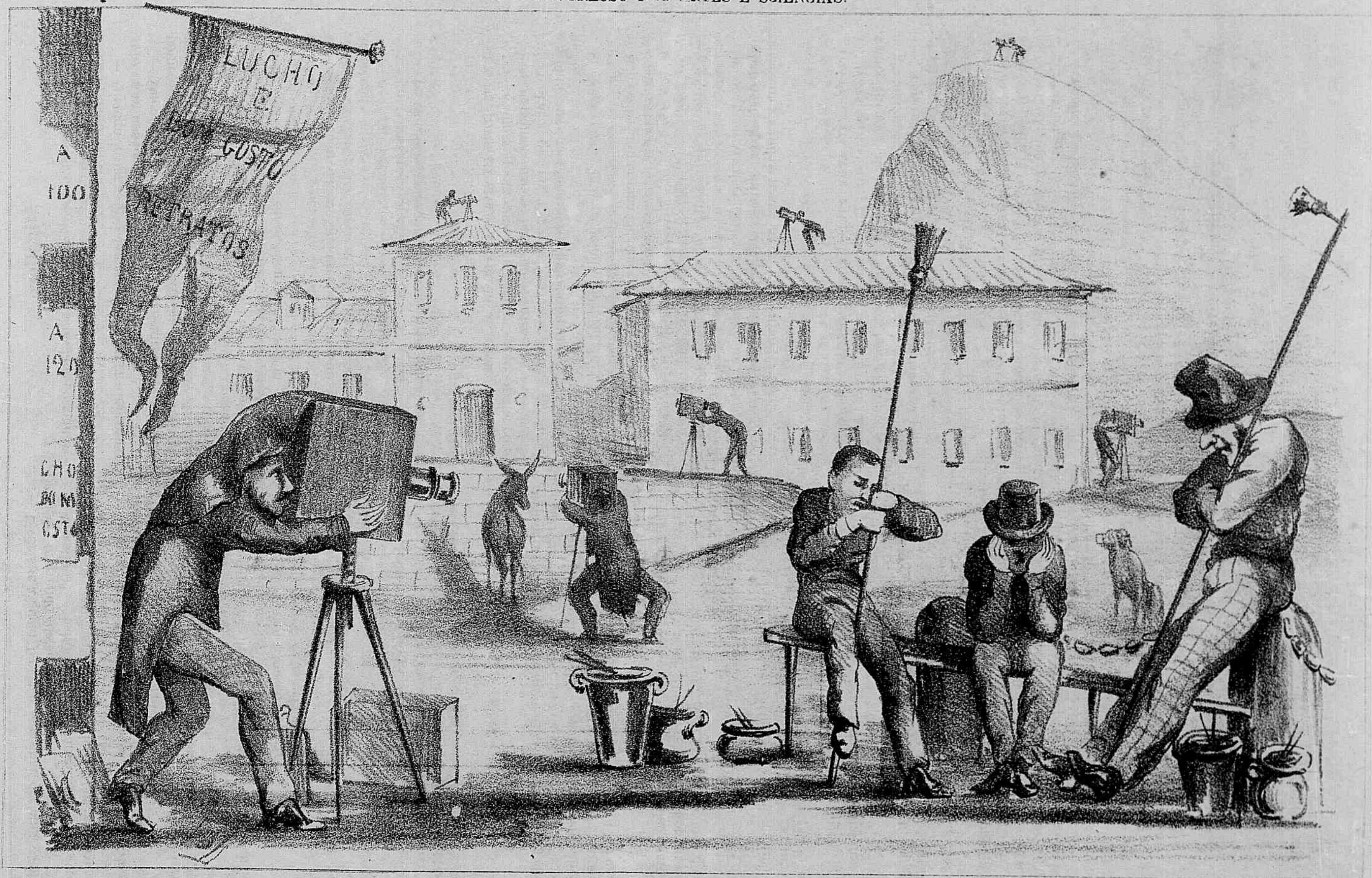
A occasião é opportuna.

Grandes descobertas, summidades de grande renome, capacidades transcendentales tem vindo maravilhar o pacifico povo desta cidade; é portanto de summa conveniencia tornar bem conhecidos estes progressos parciaes.

Os jornaes da época são uma prova irrefragavel do que deixamos dito, e esses documentos escriptos, provarão no jornalismo das éras futuras, que apezar das descobertas do gaz, do kerosene e da luz electrica, o *seculo das luzes*, precisava ainda de maior claridade para lhe illuminar a bussola do entendimento e da razão.

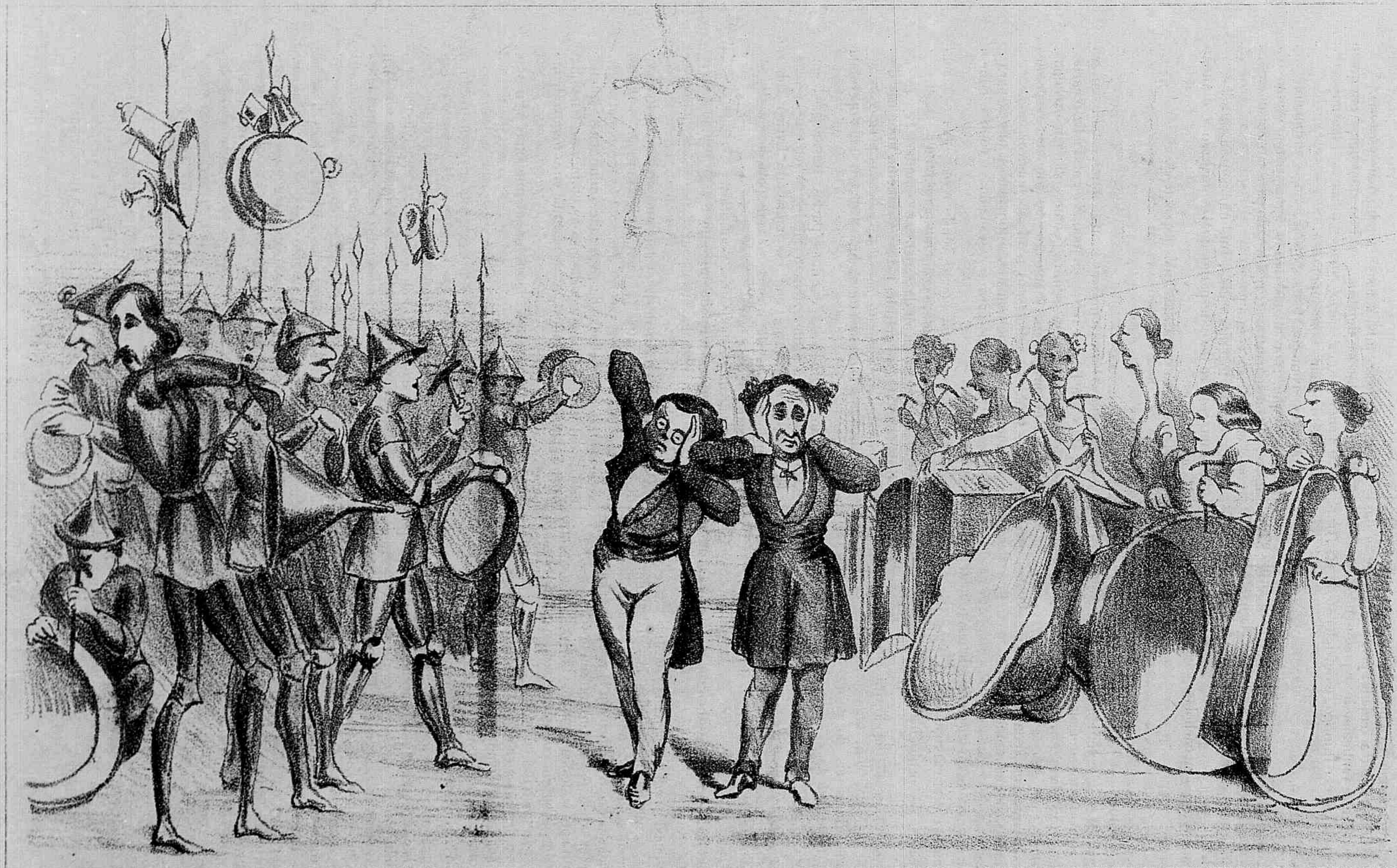
Feliz seculo, intelligente povo!...





Em cada canto uma venda !.. em cada canto um bilhar !.. em cada canto um photographo !





— O que é mais alto, o pico de Tenerife ou a Joanna de Flandres?  
— A Joanna de Flandres porque se desconhece a altura,



Com semelhante proposito o *Merrimac* hade sem duvida soffrer terrivel guerra, guerra a que está sujeito todo aquelle que se propõe hoje a dizer a verdade; porém o progresso das construcções deo-lhe a vantagem de se poder encorajar, para poder de frente atacar o inimigo, e defender-se de seos traço-ciosos golpes.

Só assim!...

E de mais, ha de sobejo quem toque a lyra de Orpheu para adormecer as dôres dos que se sentirem, ha por ahi muita harpa de David, que por dinheiro deminue as tribulações do povo de Saul.

Comprão-se e vendem-se cacholas, e algumas com talento.

★ ★

Assim anda o mundo.

O chronista do *Merrimac* tem seu tanto ou quanto de mas-sante, tem escripto muito sem nada ter dito; mas é que justamente é esse o *chique* da época, que satisfaz a significação do verbo — *bular*.

E de mais são tantos os acontecimentos da semana, que é preciso um grande conhecimento esthetico para lhes dar um principio.

E' essa uma sciencia de que não entendemos pitada.

Comtudo vamos entrar em materia.

A força creadora do talento hade supprir a debilidade do estudo.

Onde os outros não tem chegado, irá a chronica do *Merrimac* palpitante de vida, com uma coragem desmedida, delinear as obras admiraveis do genio, com a magia bella dos periodos arredondados.

★ ★

Entremos em materia :

Os theatros!...

Porém o que hade novo pelos theatros que mereça a attenção dos leitores?

O barracão encyclopedico, caverna acustica ou como lhe querão chamar, annuncia todos os dias aos habitantes da capital que entra em scena—o senhor Fulano, ou a senhora Fulanas summidades a que o publico ainda não achou summo; e com isto julga ter satisfeito a empreza o seu dever.

No entretanto apesar destes grandes talentos, é necessario cortar as peças que se põem em scena, e ultimamente o pobre —*barbeiro*— soffreu terrivel corte.

De tres actos reduzirão-no a dous, tirando-lhe scenas que é de suppor por sua immoralidade não agradassem aos frequentadores que moralmente alli concorram.

Pacifico povo!... e intelligente empreza!...

O theatro possui um corpo de baile é verdade, corpo que tem 3 figuras, isto é tres, corpos mas nenhuma cabeça; corpo que não tem difinição physica, e além disso é exclusivo de certos dias, pois só entra em scena de 15 em 15 dias.

Apezar de tudo o governo tem alli uma escola; — mas uma escola de economia.

E' aquelle o unico theatro onde os actores representão de *meia cara*. Parece que os caixas Araujo Norberto & C. perderão o dinheiro com a fuga do Moraes!

A maior parte das cavatinas resentem-se d'aquelle mal e por isso não agradão; — são cavatinas de *borla*.

Mas seja dito com verdade, existe uma particularidade que desculpa todas as outras: — ha igualdade entre o theatro, emprezarios, cantores, dançarinos, e até mesmo na maneira de administrar. *Esta tudo a cair*.

Onvi hontem dizer que entrava em scena o Sr. Norberto, e a Sra. Briol, mas creio que é baléla; o publico sujeita-se ás peças de dous actos, a esta porém não que teria só um.

Logo que se pague em dia aos artistas é de suppor que tenhamos um club de merito.

A *Joanna de Frandres* encarregue pela empreza de reunir os cobres necessarios, já participou que o sacco estava vazio, e que as cabeças dos expectadores, só n'um harmonioso socego, concorrem para actos d'aquella natureza, porém a altura da pobre *Joanna* desvaria-os.

★ ★

No Dramatico as novidades são ainda mais escasas.

Morrem actores e theatros, e n'este naufragio, em que o pobre Camões toma parte, vão-se todas as esperanças dos amadores da scena contemporanea.

O Atheneo começou pelo *diluvio*, que é justamente um bom principio, porém não tendo tempo para o esgoto das agoas, deixou-se naufragar, resolvendo para satisfação da sua morte, enterrar-se com a poesia.

Sim senhor, magnifica idéa, sublime pensamento!

Foi um enterro decente para o qual concorreo o dinheiro dos assignantes.

Foi pena! era o que dava mais esperanças.

★ ★

Ao Gymnasio! ao Gymnasio meus leitores... alli sim senhor, alli é que ha que ver; pelo menos segundo diz o cartaz, que até de si mesmo se admira, começando por exclamar. — Oh!... admiração em 3 actos, — ao que nós responderemos — Oh!... — admiração n'um só quadro!

A comedia de hoje tem suas difficuldades, não só para o actor como até mesmo para o expectador, é conhecer-lhe o desfecho.

Não ha muito que um sujeito, vendo representar o 3º acto d'uma comedia de — *admiração* me perguntou:

Isto já é a farsa ou ainda pertence a comedia?

E de facto, o homem tinha razão: a comedia tinha tres desfechos no desenvolvimento das suas triplicadas peripecias.

E tinha ido ao conservatorio, depois de ter sido approvada em Paris!...

O Gymnasio divide-se em duas partes transitorias, que entre si disputão a protecção material do publico *intelligente*.

A parte da companhia que vae nadar no Lyrico sob o commando Sr. Lacerda, e a que só viaja para as bandas de S. Francisco.

A segunda é da escola de tres pontinhos.

A primeira quasi hospede no edificio, aproveita o tempo, para com malas e abagagens passar as praias do campo de Santa Anna.

O publico no meio desta systematica divisão, é todos os dias chamado ao theatro pelo pomposo annuncio. — *Entra em scena o Sr. Lacerda. — O Sr. Lacerda furd o papel de etc. Actor do theatro normal e etc., etc., etc.*, annuncios aquelles que dão idéa do charlanismos das nossas emprezas, e no qual o actor por perfeito que seja, representa um bem ridiculo papel.

E' este o theatro em que algum tempo fundámos as nossas esperanças.

Mas é sina.

Querer antecipar os successos e engrandecer sem merecimento é erro imperdoavel, te star elevar ao auge da gloria o artista que posto digno de louvor, muito tem ainda a aprender com a critica bem baseada, na notificação de faltas que e'le não previra ou ainda ignorava, foi e será sempre um erro funesto para os que caminham na senda que conduz á perfeição, que muitas vezes os impede de elevarem com verdade o seu merecimento real.

Se estes factos tivessem a significação que se lhes deve attribuir, não veriamos continuamente tecer elogios a qualquer novidade, a qualquer artista que chega, olvidando tudo quanto o dever do escriptor publico prescreve para ser verdadeiro, isto he, o esquecimento da amizade individual, e o reconhecimento de que é preciso ser verdadeiro, para se poder ser util a sociedade.

Não deve haver desejo tão cego que nos transvarie a razão.

Porém é esta a marcha adoptada entre os escriptores da epocha.

A companhia do Gymnasio pôde para o futuro melhorar se tomar em mais consideração a maneira irregular porque caminha.

E o remedio só o *mal das vinhas* com a sua siringa lhe poderá applicar.

Summidades no Lyrico, ditas no Gymnasio, ditas na rua da Valla, ditas na rua d'Ajuda, ditas... e muitas mais que não me apraz mencionar.

Seguiremos a ordem numenelatica; vamos a rua da Valla.



Alcazar Lyrique, esplendida reunião de todas as celebridades, nascidas nas freguezias a dez legoas de Paris, e destacadas por ordem superior em consequencia dos ultimos acontecimentos politicos, para o Imperio do Brazil.

Tambem só assim é que cá as teriamos.

Nós temos em tanta consideração a valiosidade dos talentos que vamos appresenta-lo ao publico, escriptos e pintados, porque entendemos que a galleria destas illustrações é necessaria á instrucção popular.

Os nossos leitores já este numero recebem uma, na ordem d'ellas é uma authoridade bachanal, condecorada em todos os generos.

A felicidade desta associação é a venda de meias côr de carne, commercio este que sustenta aquelle honrado estabelecimento, dirigido pela firma dos concertadores de relógios, *Arnaud Garnier e Martin*, este ultimo, artista de merito, que igualmente faz parte de club do *Rocio* — onde protege os fabricantes de Petropolis.

Somos de accordo que existem no Alcazar artistas de merito, como o senhor Popé, sua senhora e outros, ha porém alli outros como o senhor Fiorelli e campanheira, Julia e etc. que para artistas, faltão-lhe todas as oito letras de que se compõe esta palavra.

Igualmente os que possue merito tem, por dever não abusar da paciencia do publico e serem moderados e polidos para com os frequentadores, não fazendo do palco, *praça de Paris*.

Porém infelizmente assim acontece.

Pedimõs á authoridade *Martin*, preste a isto devida attenção.

Duas palavras ainda.

Os senhores *Garnier, Arnaud, e Martin*, devem annunciar qualquer divertimento no cartaz ou no jornal, para estaremos prevenidos.

Prescindimos dos dós sobre agudos, não queremos a musica da *Joanna de Flandres*.

Agora as celebridades da rua d'Ajuda.

Celebridades estas que fazem descer do bom senso do publico fluminense.

Reunião dos talentos francezes espalhados pelas principaes ruas da cidade.

Costureiras, sapateiros etc.

A idéa foi estrondosa, e o estrondo da primeira noute, deo uma prova da sua importancia.

*El Dorado*—dizia o cartaz, porém em contrariedade com elle só li vimos dentro uma cousa dourada, era a algibeira do mestre Brisson.

O resto era todo pintado, o corpo polido, e o juizo do proprietario envernizado.

No entretanto o mestre Brisson foi muito applaudido e teve o gosto de ver morrer o filho no mesmo dia em que nasceo.

A architettura do edificio é da ordem—*Chapada*— á imitação do Agador; eu creio que mestre Brisson contava no verão com alguns dos expectadores do *El Dorado* para o fornecimento de carne do seu hotel, afim de sustentar os actores da companhia.

Quanto a mim, estou resolvido a não servir de manjar a artista de qualquer natureza que seja, especialmente do sexo masculino.

Agora lá pelo feminino não digo que não, nem me pejo de o declarar, pois se eu tenho por ahí tantos socios do meo pensamento.

Desde já declaro que exceptuo as artistas de mestre Brisson, entre as quaes, diga-se com verdade, não existe nenhuma que origine o peccado mundano.

Reita a companhia de mestre Bartholomeo, porém essa em vista da pouca idade de seus artistas, tem jus á excusa do publico.

Deixal-os portanto mamar, mais tarde, quando os artistas e espectadores entrarem na idade da razão, poderão entrar na ordem das summidades.

★ ★

Não é nossa intenção relatar apenas factos theatraes, não senhor, ha por ahí muita outra cousa que é digna de chamar a attenção nossos leitores, mas é que esta semana não só foi prodiga de novidades, como tambem o espaço dado ao chronistas do *Merrimac* está mesmo a dizer basta.

E depois, o que ha de novo?

A abertura do estabelecimento *Dourado* pintado de verde. Uma costureira que passa a cantora.—Um barbeiro assassinado lyricamente.—Uma autoridade que faz kerosine.—Um cozinheiro feito zempreatario.—Uma empresa roubando a nação.—Um chronista fazendo fiasco,—o Magina tocando a rebate,—Um purgante apanhado a capricho.—um fogo que...

E' verdade e o fogo, lá hia olvidando um acontecimento importante!...

O grande fogo do trapiche do Bastos, que fez ver a toda a cidade o grande adiantamento, pericia e coragem dos nossos bombeiros, bem como a estrategia da igualdade n'um barulho, por isso que todo o mundo mando e ninguem obedece.—Fogo tão bem remediado, que ainda não está apagado.

Mas ao menos salvou-se tudo quanto não estava dentro do trapiche, o que é já uma grande vantagem, o que estava lá dentro, isso era negocio da policia, que não permittia a mais ninguem interpor-se n'elle antes de ter ardido.

N'uma crise tão eminente e em que as — *Consultas Praxedes* podião ter salvado a nação e o commercio, ninguem foi bater a porta do *A Ancarnado*, e assim teve o commercio por falta de bons doutores, de ver expirar e extinguir, para conveniencia do serviço, tudo quando lá tinha depositado.

Excelente medida

Grande passo dado no progresso da extinção dos incendios!

Por hoje basta, não que falte a materia ao chronista que tem o dom intellectual rebustecido por uma boa consulta do nosso *Praxedes*, mas sim porque falta o espaço, remedio este que pertence a mechanica remediar, sciencia em que elle não é muito forte!

Vamos finalizar.

As chronicas e os artigos de fundo, são ainda hoje muito lidos entre nós, mais tarde porém a leitura repentina, a luz do kerosene, as consultas pouco, e o traço negro do carvil farão affluir á cidade todo o povo, ancioso de lê e analizar, os artigos dos jornaes, as chronicas, os folhetins etc. e então as ordem das cousas levará decerto formidavel tombo, porque então será applaudido o talento, porque essa gente saboreando um bom côpo de cerveja no Alcazar, hade influir directa e poderosamente nos destinos da sciencia, e até mesmo da empreza lyrica.

Esperemos esse momento para que se nos faça justiça.

### Um beijo.

Só porque Stella tinha lindos dentes,  
Eu quiz furtar-lhe um beijo;  
Mas a mamãe surgio-me de repente!  
— Não logrei meu desejo... —

Depois a vi, um dia passeiando  
Distrahida no jardim  
Pé ante pé fui logo me chegando...  
Ella fugio de mim!

Mas não esmoreci: pedi-lhe o beijo  
E— por cima do muro —  
Ella m'o prometteu para a noitinha,  
Quando fizesse escuro.

E cumpro a promessa! Apóz de dar-lhe  
Todo o devido apreço,  
Entre os labios senti o quer que fosse...  
Que era mesmo um tropeço!..

Mas lembrei-me que as damas paladinas,  
Entre os labios do amante,  
Deixavam, sempre que lhe davam beijos,  
Um annel de brilhante...

— Um beijo e um annel! a todo mundo  
Não se dá tal ventura!..—  
Levei a mão á boca... a tal teteia  
Era uma dentadura!...

FUMEN JUNIUS





LA MORT DOIT NOUS TROUVER  
• LA BOUTEILLE A' LA MAIN.

Segue-se um estribilho do Conservatorio-dramatico.